



## Crianças diagnosticadas em função de impasses na alfabetização: contribuições da psicanálise<sup>1</sup>

**Luciana Renata Moreira Fonseca**

Orcid: [0000-0002-5598-556X](https://orcid.org/0000-0002-5598-556X)

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

E-mail: [lurmfonseca@yahoo.com.br](mailto:lurmfonseca@yahoo.com.br)

**Ana Lydia Bezerra Santiago**

Orcid: [0000-0003-4405-6244](https://orcid.org/0000-0003-4405-6244)

Psicanalista

Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo / USP (São Paulo, Brasil)

Professora Aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

Email: [analydia.ebp@gmail.com](mailto:analydia.ebp@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo descreve os resultados de uma pesquisa/intervenção de orientação psicanalítica por meio do relato de um estudo de caso de um aluno do ensino fundamental de uma escola pública de ensino da cidade de Itabira-MG. O estudante apresentava impasses na alfabetização e entraves na esfera escolar, enfrentados por meio do processo de patologização e medicalização. Contraindo-se à medicalização, o caso visa demonstrar a contribuição de um dos procedimentos adotados nesta pesquisa: o diagnóstico Clínico-Pedagógico (DCP), cuja intervenção realiza a leitura daquilo que o aluno ensina ao educador sobre sua singularidade e sobre as particularidades que se repercutem na sua relação com o saber e com os laços sociais construídos na escola. Os resultados obtidos por meio do DCP permitiram perceber o impacto do fenômeno da nomeação advinda de um diagnóstico na aprendizagem acadêmica e a possibilidade de utilizar abordagens teóricas e práticas que permitam aos sujeitos agir sobre os seus problemas escolares.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Impasses na Alfabetização; Escuta de escolares; Diagnóstico; Subjetividade.

---

**Enfants diagnostiqués en fonction des impasses d'alphabétisation: apports de la psychanalyse:** Cet article décrit les résultats d'une recherche/intervention d'orientation psychanalytique à l'aide du rapport d'une étude de cas d'un élève du primaire d'une école publique de la ville d'Itabira-MG. L'étudiant avait des impasses en alphabétisation et des obstacles dans la sphère scolaire, confrontés à travers le processus de pathologisation et de médicalisation. Contrairement à la médicalisation, le cas vise démontrer l'apport d'une des procédures adoptées dans cette recherche: le Diagnostic clinico-pédagogique (DCP), dont l'intervention effectue la lecture de ce que l'élève enseigne à l'éducateur sur sa singularité et sur les particularités qui ont des répercussions sur leur rapport aux savoirs et aux liens sociaux construits à l'école. Les résultats obtenus par le biais du DCP ont permis de percevoir l'impact du phénomène de dénomination issu d'un diagnostic sur les apprentissages scolaires et la possibilité d'utiliser des approches théoriques et pratiques permettant aux sujets d'agir sur leurs problèmes scolaires.

**Mots clés:** Psychanalyse; Les impasses de l'alphabétisation; Des écoliers à l'écoute; Diagnostic; Subjectivité.

---

**Children diagnosed due to literacy problems: contributions of psychoanalysis:** This article describes the results of a psychoanalytically oriented research/intervention through the report of a case study of an elementary school student from a public school in the city of Itabira-MG. The student had impasses in literacy and obstacles in the school life, faced through the process of pathologization and medicalization. In contrast to medicalization, the case aims to demonstrate the contribution of one of the procedures adopted in this research: the Clinical-Pedagogical Diagnosis (DCP), whose intervention performs the evaluation of what the student teaches the educator about his singularity and about the particularities that have repercussions on their relationship with knowledge and with the social bonds built at school. The results obtained through the DCP made it possible to perceive the impact of the naming phenomenon arising from a diagnosis on academic learning and the possibility of using theoretical and practical approaches that allow subjects to act on their school problems.

**Keywords:** Psychoanalysis; Impasses in Literacy; Schoolchildren listening; Diagnosis; Subjectivity.

## **Crianças diagnosticadas em função de impasses na alfabetização: contribuições da psicanálise**

*Luciana Renata Moreira Fonseca & Ana Lydia B. Santiago*

### **Introdução**

Este artigo relata o estudo de caso de Lucas, um menino de 9 anos de idade, com Transtorno do Espectro Autista, cursando o 4º. ano do Ensino Fundamental (E.F.) em uma escola pública de Minas Gerais. O caso busca apresentar o Diagnóstico Clínico-Pedagógico (DCP), um importante instrumento de orientação psicanalítica proposto por Santiago (2005), utilizado com crianças em situação de fracasso escolar. O DCP nos possibilita interrogar o aluno sobre seus impasses acadêmicos como se interroga alguém sobre seu sintoma. Nesse sentido, esse procedimento visa esclarecer com precisão a trajetória intelectual da criança até o ponto do seu impasse para, assim, localizar em qual das duas esferas distintas - a conceitual-pedagógica ou a clínica - sobressaem as dificuldades apresentadas pelo aluno no contexto escolar, propondo assim, intervenções particularizadas a partir do que o estudante vai nos ensinando sobre seu impasse acadêmico.

Destaco que além do DCP essa pesquisa/intervenção de orientação psicanalítica também fará menção a um outro procedimento adotado no referido estudo: a Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica (ECOP). Essa intervenção tem como ponto de partida a queixa dos professores sobre os impasses apresentados pela criança. Nessa tônica, "(...) o objetivo da entrevista, no caso de o sintoma se manifestar sob a forma de uma inibição ou angústia, é buscar localizar uma identificação mortífera." (Santiago, 2011, p. 98).

É importante considerar que o estudo foi proposto em função da observação da elevação discreta, mas contínua, do número de alunos com diagnósticos da educação especial, em Itabira, uma cidade do interior de Minas Gerais, no período de 2015 a 2019. Percebendo que os docentes, seguindo uma tendência atual, adotam o diagnóstico do discurso médico científico para explicar a situação de baixo desempenho acadêmico vivenciada por muitos de seus alunos, e em função disso encaminham cada vez mais estudantes para a avaliação médica, decidimos realizar a pesquisa com crianças que estavam na rubrica do fracasso escolar e que possuíam um diagnóstico, considerado como impreciso e sendo passível de ser colocado em suspenso.

Nesse ponto, identificamos que quando os alunos não se apropriam dos conteúdos escolares como a instituição espera, aparece a suposição de que o aluno tenha algum problema relacionado ao funcionamento mental (Scarin & Souza, 2020). Essa tendência nos remete a uma atualização da concepção orgânica, a primeira e mais antiga das teorizações utilizadas para explicar o fracasso escolar, que foi muito criticada na década de 70 (Griffo, 1996, p. 14).

A divulgação e crítica dessa e de outras teorias, adotadas para explicar o fracasso escolar, ainda

hoje nos adverte para o perigo de se adotar tais concepções como a via mais rápida de se justificar as dificuldades que os alunos manifestam dentro do contexto educacional. Essa postura não contribui em nada para que o aluno avance no aprendizado dos conteúdos acadêmicos, pelo contrário, a crença nessas teorias estigmatiza ainda mais o aluno, sua relação familiar, ou mesmo as precárias condições de vida de alguns desses estudantes.

Assim, quando o docente elege a hipótese de um comprometimento neuronal ou cognitivo em alunos com impasses na aprendizagem acadêmica, e encaminha esses alunos para a avaliação de um médico ou um profissional da saúde, tem início um processo que pode culminar na patologização e medicalização dos impasses escolares de forma indevida. O diagnóstico equivocado, além das consequências para a trajetória escolar e para a vida do estudante, ainda pode acarretar a sobrecarga de um serviço que se destina a outro público.

Um aspecto que merece especial atenção quando pensamos nas consequências da patologização do fracasso escolar é o fato de que a nomeação advinda de um diagnóstico causa um impacto na escola, no docente, na família e no próprio estudante que recebe essa etiqueta do saber médico.

Embora o estudo de caso que aqui será apresentado só nos permita ter um vislumbre do que foi realizado, ele ilustra muito bem como a nomeação que vem colada ao diagnóstico se cola também ao estudante, que acaba identificado com o nome que recebe em forma de diagnóstico.

Além da lupa da psicanálise, as intervenções realizadas nesse estudo contaram com as contribuições da psicogênese da escrita, das teorias de Piaget, Vygotsky e de outros aportes teóricos que fundamentam uma boa prática pedagógica.

Trata-se de Lucas, um menino que apesar de apresentar uma escrita alfabética e uma leitura plenamente alfabética, não conseguia fazer uso social da leitura e da escrita, não se mostrando capaz de fazer uma produção de texto ou mesmo de interpretar um texto que acabara de ler.

Como se verá, o caso de Lucas mostrou-se especialmente elucidativo em relação às implicações e o impacto que a nomeação advinda de um diagnóstico pode trazer para a trajetória escolar de uma criança, bem como para a sua vida, repercutindo também nas pessoas e instituições onde ela convive.

### **Metodologia da pesquisa/intervenção de orientação psicanalítica na escola**

A psicanálise de orientação lacaniana procura realizar a leitura do sintoma escolar, a partir das queixas que são apresentadas no momento da pesquisa e da investigação com a criança que apresenta entraves escolares, propondo uma intervenção pontual e precisa naquilo que se revela como um impasse singular e subjetivo que repercute na relação do sujeito com o saber, interferindo no seu desempenho acadêmico ou mesmo no seu comportamento dentro da instituição.

Essa pesquisa/intervenção consiste na realização do estudo de caso, para o qual foi utilizado as Entrevistas Clínicas de Orientação Psicanalítica (ECOP) – entrevistas centradas no sintoma das crianças – e aplicação do Diagnóstico Clínico-Pedagógico (DCP), que é um instrumento de intervenção

pedagógica de inspiração psicanalítica com ênfase no que o próprio estudante nos ensina sobre a sua dificuldade escolar.

A ECOP consiste em entrevistar a criança que a escola aponta como aquela que apresenta problemas escolares, sejam eles relativos à aprendizagem acadêmica, sejam relativos aos comportamentos entendidos como inadequados. Quando se faz necessário, os pais desse aluno também são convocados para participarem de uma ECOP. Já o DCP procura identificar em qual esfera estão localizados os impasses escolares apresentados pela criança, diferenciando o que é da esfera conceitual-pedagógica, daquilo que é da esfera da subjetividade. Entendendo a subjetividade como "a capacidade do indivíduo de se inserir como sujeito no que concerne a sua particularidade em relação aos seus desejos, suas demandas, suas escolhas e sua história de vida dentro do contexto social" (Campos, 2013, p. 71).

Dessa forma, as duas metodologias nos possibilitam construir uma intervenção individual e particularizada, partindo do que a criança nos ensina sobre seu impasse. No DCP quando os entraves se localizam na esfera conceitual-pedagógica, as intervenções buscam reconstruir os conceitos que de alguma forma, não ficaram bem consolidados. No entanto, se além das dificuldades de âmbito pedagógico, identificam-se sintomas que podem, de alguma forma, estar atrapalhando o aprendizado é realizada a ECOP.

Cabe destacar que o professor ou pedagogo responsável por conduzir o DCP deverá ser capaz de se colocar em uma posição de não-saber diante desse aluno, despojando-se do tão tentador lugar do Mestre, entendendo que é o aluno quem nos dará pistas do que deve ser proposto durante tal intervenção, a partir do que ele mostra a cada encontro (Santiago, 2005, p. 29). Por isso, o planejamento deverá ser flexível, possibilitando que as questões que o aluno for apresentando possam ser acolhidas, e favorecendo, nesse sentido, a construção de um método completamente particularizado para cada criança. Nessa tônica, o profissional responsável por uma intervenção que se proponha a tirar o aluno da posição de não-aprendizagem dos conteúdos escolares precisa suportar o vazio que faz parte do vínculo educativo (Tizio, 2003).

A pesquisa/intervenção inicia-se pela indicação dos casos que a escola julga ser um problema. Depois de selecionados os que se encaixam nos critérios estabelecidos pelo estudo é realizada a análise documental. Trata-se da análise da pasta escolar do aluno, identificando-se os documentos, relatórios pedagógicos, relatórios de outros profissionais, diagnósticos, histórico escolar, dentre outros registros e documentos.

Essa análise nos permite conhecer um pouco da trajetória escolar do estudante, do seu desempenho acadêmico nas séries cursadas, bem como verificar se o aluno já possuía algum diagnóstico quando ingressou na instituição, se foi encaminhado para uma avaliação pela instituição, se foi avaliado por mais de um profissional, se tem mais de um diagnóstico, dentre outras informações.

Aí tem início a aplicação do DCP, que busca realizar uma avaliação diagnóstica e propor intervenções pedagógicas de acordo com cada caso. No caso de Lucas foram utilizadas atividades de

alfabetização, tendo sido necessário além dos 12 encontros para a realização do DCP, 1 ECOP com seu pai e 2 ECOPs com sua mãe e 1 ECOP com Lucas.

## **Resultados**

### **A história de Lucas contada por sua mãe**

Ao entrevistar a mãe de Lucas, Eliete, ela nos relata que no sétimo mês de gravidez sofreu uma pequena colisão em seu trabalho. Na época, mesmo tendo sentido uma forte dor, não procurou por cuidados médicos. Porém, esse incidente sempre a incomodou e a fez pensar que seu filho poderia ter algum tipo de problema.

Desde que Lucas ingressou na creche, Eliete perguntava aos profissionais da instituição se havia algo de errado com seu filho. Ela era informada que os aspectos que a incomodavam eram comuns nas crianças de mesma idade que ele. No entanto, mesmo sabendo que Lucas teve um desenvolvimento normal, ela continuava desconfiada que seu filho pudesse ter alguma coisa de errada em função do episódio ocorrido em sua gravidez.

Quando Lucas entrou na escola não foi diferente, embora a instituição não tivesse identificado nada de anormal na aprendizagem e no comportamento do menino, Eliete sempre procurava saber se havia algo fora do comum acontecendo com o menino.

Aos 7 anos, uma parente do pai de Lucas comenta que o menino parece com seu filho. Eliete conclui disso que, assim como o filho dessa mulher, Lucas era um menino diferente das outras crianças. Para confirmar sua conclusão, ela relembra um dia em que o menino pulou de uma laje em cima de um monte de areia, e ressalta que se ninguém intervisse, Lucas teria feito a mesma coisa.

Nesse mesmo ano, durante uma aula sobre o corpo humano, Lucas toca os órgãos genitais de uma coleguinha. Eliete é chamada pela escola que, sem saber como lidar com as manifestações da sexualidade infantil, repreende Lucas e adverte sua mãe. É um acontecimento que provavelmente estava ligado a uma curiosidade infantil passa a ser encarado como um problema e assume proporções que promovem a busca por um diagnóstico.

Nessa perspectiva, a escola solicita uma avaliação de um psicólogo que, após a análise dos fatos, a observação da criança e a realização de entrevistas com o menino e sua família, conclui que Lucas não apresentava nenhum indício que justificasse o encaminhamento para avaliação médica. Porém, a mãe de Lucas não se contentou com as constatações desse psicólogo e continuou indo à escola e questionando as professoras sobre seu filho.

Numa dessas visitas à escola, a professora relata que durante o recreio, enquanto as outras crianças brincavam pelo pátio, ela observou que Lucas passava o seu rosto em um muro chapiscado, indo de um lado ao outro.

Naquela época, ninguém perguntou a Lucas porque ele estava fazendo aquilo, mas esse fato reacendeu em Eliete a crença de que seu filho tinha algum problema e serviu como ensejo para que ela prosseguisse sua busca por um diagnóstico.

Em setembro de 2020, veio o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista emitido por uma neuropediatra.

O DSM-5 aponta como critérios diagnóstico de tal transtorno,

A – Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos (...).

B – Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (American Psychiatric Association, 2014, p. 50).

A observação de tais critérios são os parâmetros que servem de bússola para o médico se guiar na avaliação diagnóstica. Esse diagnóstico é clínico e realizado através de observação direta do paciente, incluindo a coleta de informações dos pais, familiares ou responsáveis, a análise de relatórios escolares, bem como a aplicação de escalas, questionários e protocolos padronizados de observação de comportamento.

Nessa perspectiva, cada profissional observa e obedece a tais critérios de forma própria, considerando o que preconiza os principais referenciais teóricos da área médica, para poder assim definir se o paciente deve ou não ser classificado dentro desse quadro clínico.

A neuropediatra atestou que Lucas tem Transtorno do Espectro Autista, informando no documento que o menino apresenta comportamentos desafiadores, restrição social e rigidez de comportamento. A médica levanta ainda a hipótese de um déficit cognitivo, encaminhando o menino para uma avaliação psicológica e enfatizando que Lucas precisa de terapias voltadas para suas necessidades, como psicoterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. O diagnóstico se pautou, então, nos fenômenos relatados pela mãe, nas observações com a criança durante as consultas realizadas, nos testes aplicados por outros profissionais e nos relatórios elaborados pela escola.

No relatório pedagógico elaborado pela escola em março de 2020, destaca-se o trecho abaixo:

Lucas tem apresentado dificuldades na construção de atividades básicas principalmente as que requerem concentração por um tempo maior, apresenta uma lentidão para fazer as atividades propostas, o que dificulta acompanhar o restante dos alunos em sala de aula. Faz as atividades com o auxílio da professora, pois se dispersa com qualquer coisa. O aluno tem demonstrado dificuldades cognitivas, motoras e comportamentais as quais influenciam o desenvolvimento global do mesmo. Apesar disso, consegue expressar criatividade por meio de atividades artísticas, como por exemplo, desenho de carrinhos e personagens. Apresenta uma leitura silabada, escrita silábico-alfabética, tendo dificuldade para escrever pequenos textos. (Relatório individual do aluno 2020)

Ressalta-se que no 3º ano do E.F. as crianças ainda estão consolidando as habilidades

referentes à fase da alfabetização que foram introduzidas nos anos escolares anteriores. Assim, é compreensível e até aceitável que nessas turmas existam alunos que ainda demonstram certas dificuldades no processo de apropriação do código de escrita alfabético ou mesmo nos processos de letramento. No entanto, seria prematuro afirmar, a partir dos aspectos apontados no relatório escolar, que Lucas possui algum tipo de entrave acadêmico que possa ser relacionado a algum problema orgânico. Portanto, não devemos tomá-los isoladamente, como indicativo de uma deficiência cognitiva.

No entanto, a médica responsável pelo diagnóstico e tratamento de Lucas levantou tal hipótese e solicitou uma avaliação psicológica. Nessa avaliação constatou-se que Lucas, além de déficit de atenção focada, apresentava QI total de 69, que é abaixo da média de sua idade, sugerindo Deficiência Intelectual.

Assim, além do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, Lucas recebeu também o diagnóstico de Deficiência Intelectual.

## **Discussão**

### **Um outro olhar sobre a história de Lucas**

Na primeira Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica (ECOP) realizada com Eliete, ela nos contou que antes de ficar grávida de Lucas, teve um aborto por toxoplasmose. Assim, logo que engravidou, teve medo de ter uma criança com má formação ou mesmo com outro tipo de problema. Ela também relatou que durante a gestação, em função do incidente que ocorreu em seu trabalho, sentiu novamente o temor de que seu filho pudesse ter algum problema.

Apesar de um desenvolvimento dentro do esperado, muitos comentários tecidos por familiares próximos sempre remetiam à suposição de que havia algo de anormal com o comportamento do seu filho. Aliado a tudo isso, o ponto de identificação entre ele e um primo, considerado "estranho", reforçava ainda mais a ideia de que ele era diferente das outras crianças da mesma idade.

Eliete nos contou ainda que Lucas tem uma ligação muito forte com o pai. Os dois ficam o tempo inteiro juntos. E quando começou a pandemia de Covid-19, em março de 2020, Lucas passou a dormir com o pai e Eliete foi dormir em outro quarto. Ao contar esse fato, ela disse que foi uma decisão do casal. Porém, ela não parecia estar à vontade com essa decisão.

### **Segunda ECOP com a mãe de Lucas**

Durante o trabalho de intervenção do DCP realizado com Lucas, percebemos a necessidade de fazer outra ECOP com Eliete em função do que podia ser observado sobre o menino, de sua relação com o pai e de sua relação com a mãe. Nesta segunda ECOP, Eliete falou sobre os motivos que a fizeram esperar tanto tempo para ter o seu segundo filho: o fator idade e a expectativa de que, com a chegada de um bebê, seu marido largasse a bebida, o que de fato ocorreu.

Outro ponto retomado na entrevista foi em relação ao fato de Lucas dormir com o pai, enquanto Eliete dorme sozinha em outro quarto. Nesse momento destaca-se a importância do casal dormir junto,

e Lucas passar a dormir sozinho. Desta vez, ela se sente mais à vontade para expressar seu incômodo com isso, ressaltando que está mesmo na hora de fazer essa mudança.

Sobre o comportamento de Lucas, ela conta que ficava incomodada porque as pessoas da família lhe diziam para corrigir Lucas, pois ele não cumprimentava as pessoas:

Hoje as pessoas não se incomodam mais com isso... Eu fico tentando entender qual o pensamento delas... se depois do diagnóstico... Acho que as pessoas não mexem mais com ele... Alguns entendem, outros não. Hoje ele frequenta a Apae, isso talvez interfira um pouco na forma como elas compreendem as reações dele. (Eliete)

Eliete também volta a abordar o incidente ocorrido durante sua gravidez, enfatizando que até hoje ela pensa que isso causou alguma coisa em seu filho. Ela comenta que sempre desconfiou que havia algo de errado com Lucas e que ficou muito decepcionada porque o psicólogo disse que seu filho não tinha nada. Ela achava que o profissional devia ter ido mais a fundo, investigado mais para descobrir o que o seu filho tinha.

Nesse momento, é-lhe assinalado que Lucas não é um caso de aluno que precisa frequentar a Apae; que muitas crianças serão melhores acolhidas e assistidas na Apae em função de uma série de comportamentos e comprometimentos que apresentam, mas que esse não é o caso de Lucas.

Eliete se mostra surpresa com essa afirmação, fica em silêncio por alguns instantes e depois concorda, dizendo que:

É, se ele estiver interessado, ele vai além do que a gente espera... Quando a gente consegue manter ele focado, ele dá conta de muitas coisas... Nos últimos dias, quando fui estudar com ele... ele leu a atividade. Aí, quando eu fui falar com ele o que a atividade estava pedindo, ele me falou: ``Pera aí... pera aí... que eu já vou te falar o que eu entendi... E ele está conseguindo. (Eliete)

O objetivo dessa ECOP é identificar e devolver à mãe de Lucas as questões que estão lhe afligindo, na expectativa de que ela consiga perceber que pode estar transmitindo ao seu filho muito da sua própria angústia, e possa modificar essa posição de baixa expectativa que tem em relação a aprendizagem de Lucas.

Encerramos essa segunda ECOP tentando tocar um pouco nesse ponto de enigma que Lucas significa para Eliete, fazendo com que ela pense nas expectativas que sempre teve em torno desse filho, mesmo bem antes dele nascer.

### **Primeira ECOP com o pai de Lucas**

Em outra data, o pai de Lucas também é entrevistado. Diante da indagação de quem é o Lucas para ele, tivemos a seguinte resposta:

Lucas é um menino que gosta de ficar na dele, gosta de ver TV. Ele é caladão, não gosta de brincar com as outras crianças da rua na qual moramos. Quando estou sentado na porta de casa para tomar um sol, eu falo para ele brincar com as outras crianças, mas ele não quer... Ele fica lá me chamando para dentro de casa... quer que eu fique lá dentro com ele.... E quando ele está vendo TV, e eu aproveito para dar uma cochilada, ele fica me acordando, quer que eu assista TV com ele... E quando vai dormir, quer dormir comigo. (Caio)

Ao ser questionado sobre os motivos que levaram o casal a esperar tanto tempo para ter o segundo filho, ele disse não saber ao certo. Concluiu apenas que a decisão foi da esposa, que é ela quem poderia esclarecer melhor essa questão, que foi ela quem decidiu e ele apenas concordou.

Já em relação à pergunta sobre as expectativas dele em relação a Lucas, ele ficou por um tempo em silêncio, parecia nunca ter pensado sobre isso, e disse que não sabia, que apenas acreditava que a vinda de um segundo filho poderia melhorar a vida do casal.

Sobre os diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista e de Deficiência Intelectual que seu filho recebeu, ele também manifesta sua dúvida: “– Eu não sei... eu acho que ele é meio caladão. Mas não sei se ele tem algum problema... às vezes, acho que é só o jeito dele.” Essa dúvida que o pai revela sinaliza um questionamento sobre as certezas de que os impasses que a criança enfrenta estejam ligados aos sintomas de um ou mais diagnósticos. Nesse momento, aproveitamos para enfatizar os aspectos positivos que temos observado em Lucas durante nossas intervenções, em relação aos aspectos acadêmicos: “– O Lucas tem mostrado durante as intervenções que é um menino muito inteligente, que tem capacidade de aprender e se desenvolver bastante na escola e mesmo em outros lugares.”

No decorrer da entrevista, ressaltamos a importância de o casal voltar a dormir junto e de Lucas dormir em seu próprio quarto. Ele concordou e disse que sua mulher sempre se mostrou incomodada com tal situação. Encerramos a entrevista pontuando que Lucas não é um menino que deve frequentar a Apae. Com a perspectiva de que a entrevista consiga perturbar o pai desse lugar de “não sei nada”, nós o convidamos a se posicionar diante das questões que lhe foram apresentadas.

### **ECOP com Lucas**

Durante as intervenções do DCP, Lucas se mostrou bastante incomodado com o fato de ter que frequentar a Apae, abordando o assunto por mais de uma vez. Em função disso, Lucas foi convidado para uma ECOP que teve como ponto de partida interrogá-lo sobre o sintoma que ele representa para a sua mãe.

Durante a ECOP, Lucas falou sobre sua escola, informando corretamente o ano do Ensino

Fundamental que está cursando, o nome da sua professora e de alguns colegas. Ele também soube dizer de forma precisa informações sobre seus pais e seu irmão, as profissões deles, bem como relatar dados sobre seus avós.

Em relação ao fato de ter que frequentar a Apae, ele se mostrou extremamente incomodado. Então, perguntamos:

- O que é a Apae?
- É o lugar que tem crianças com muita dificuldade e que gritam muito... Os meninos de Apae são assim.
- Você não é menino de Apae.
- É... Eu acho que eu não tenho dificuldade não e também não fico gritando.
- Pois é. Você está aprendendo tudo direitinho... está evoluindo...

Quando Lucas mencionou o fato de não gostar de ir à Apae, ele nos mostrou uma certa desconfiança em relação ao que os adultos, especialmente o Outro materno, querem para ele. Lucas desconfiou de que frequentar a Apae não era algo bom para ele. Porém, conversando com a mãe de Lucas, descobrimos que ele nunca havia feito esse comentário antes com ninguém. Acreditamos que ele sabia que sua opinião não seria escutada com as outras pessoas.

Ao final desta ECOP, ressalta-se que Lucas tem se saído muito bem nos estudos, que se comporta de maneira muito tranquila e que não precisa frequentar a Apae. Todo o empenho é realizado no sentido de que ele possa se separar dessa nomeação "menino de Apae".

### **O Diagnóstico Clínico-Pedagógico: um novo olhar para o menino Lucas**

Durante as intervenções desenvolvidas por meio do DCP, Lucas passou de um comportamento arredo e desconfiado para um comportamento menos defensivo, menos retraído e mais interessado em aprender o que lhe era ensinado.

Começamos as atividades, apresentando para Lucas o livro *O menino azul*, de Cecília Meireles (2013). A escolha desse livro se deu, em primeiro lugar, porque é uma poesia voltada para alunos dos anos iniciais do EF, sendo indicado para a faixa etária de Lucas. Em segundo lugar, porque o livro é todo escrito em letras de imprensa maiúsculas, o que facilita a leitura e também favorece que a criança interaja melhor com o livro. Essa atividade teve o intuito de nos ajudar a perceber quais estratégias de leitura Lucas utilizava.

Num primeiro momento, incentivamos que Lucas manuseasse o livro, observando os desenhos, as cores, as pistas textuais que se destacavam, bem como outros aspectos. Na sequência, ele começou a ler o que estava escrito em cada página. Ele apresentou uma leitura plenamente alfabética, mas ainda muito lenta, sem ritmo. Ao finalizar a leitura, Lucas não conseguiu nos dizer o que leu. Ele utilizou, então, o recurso de voltar e ler algumas partes do texto de forma aleatória.

A dificuldade apresentada por Lucas para interpretar o texto que acabara de ler é compreensível se considerarmos que, para ele, ler ainda é um processo de reconhecer os grafemas e traduzi-los em fonemas. Logo,

[...] nesse processo, a criança não consegue dividir sua atenção entre o esforço de decodificação e a identificação do conteúdo semântico das palavras; ela precisa guardar na memória cada segmento e conectá-lo com o anterior, até reunir todos os segmentos de uma palavra ou de um conjunto de palavras – dessa maneira, se perde o significado das palavras e o sentido do texto, e, assim, se explica sua leitura silabada (Soares, 2020, p. 195).

Nessa tônica, para ajudar na compreensão da história retratada no livro, nós lemos o mesmo livro para que ele pudesse se ater ao enredo da história. Mesmo durante a nossa leitura, Lucas parecia não estar muito interessado. Mas quando questionado sobre a história, ele conseguiu responder satisfatoriamente a todas as questões, nos mostrando que teve uma boa compreensão da história.

Para melhorar a fluência da leitura de Lucas nos encontros subsequentes, selecionamos palavras e depois frases para que ele lesse. Primeiramente, a leitura foi feita de forma silenciosa, depois em voz alta. Posteriormente, foi pedida a leitura de pequenos textos. Essa estratégia vai surtindo efeito, e, aos poucos, vamos percebendo a melhora na leitura do menino, o que favorece que ele consiga entender o que está sendo lido.

A leitura e a interpretação de textos foram trabalhadas de maneira contínua, selecionando livros e textos de acordo com a faixa etária e interesse do menino, incentivando a leitura e o gosto pela mesma.

### **A escrita de Lucas**

Durante a atividade proposta para se identificar o nível de escrita ditamos algumas palavras para que ele fizesse o registro. Seu nível de escrita é alfabético:

dinossauro  
golfinho  
borboleta  
girafa  
gato  
touro

Nota-se que a única palavra que Lucas grafou incorretamente foi **golfinho**. Ele ficou em dúvida se deveria escrever a palavra com a letra L ou com a letra U. Primeiro, escreveu corretamente; depois, apagou e colocou a letra U no lugar em que havia colocado a letra L. No entanto, considerando-se que

nessa palavra a letra L tem o som de U, é comum que muitas crianças fiquem em dúvida em relação a qual letra deverão utilizar nessas situações. Ao final da atividade, foi perguntado se ele gostaria que escrevêssemos as palavras com a grafia correta para que ele pudesse comparar a sua escrita com o modelo de escrita correto. Ele comparou e disse: "Estava certo, era com L mesmo!"

No relatório elaborado pela escola em março de 2020, a professora registrou que Lucas estava no nível silábico-alfabético. Baseando-se nesse documento, podemos constatar que, apesar de ter passado um ano inteiro sem aulas presenciais, seu nível de escrita evoluiu. Cabe ressaltar que a mãe de Lucas sempre se preocupou em garantir que ele tivesse acesso às aulas *on-line* e que, de acordo com seu relato, todos os dias sentava junto com ele para auxiliá-lo na execução dos Planos de Estudo Tutorados (PET).

### **As produções de texto de Lucas**

Uma das queixas apresentadas no relatório escolar foi que Lucas apresentava dificuldade em escrever pequenos textos. Para investigar tal dificuldade, propusemos que ele fizesse uma produção de textos.

Nesse momento Lucas revela seu impasse, afirmando repetidas vezes que não sabe fazer uma produção de texto. Pela primeira vez durante os encontros, Lucas demonstrou um impasse sobre a atividade proposta, dizendo não saber fazer. Conversamos com ele sobre o que é uma produção de texto. Ele pareceu não prestar atenção à nossa explicação. Quando finalizamos a explicação, ele repetiu que não sabia fazer. Então perguntamos:

- O que você não sabe?
- Não sei por que tenho que ir a lugares que não quero.
- Que lugares seriam esses?
- Não quero ir à Apae... Quem vai lá não sabe fazer nada. Nem consegue aprender!
- Eu acho que você sabe fazer muita coisa. E acho que você pode aprender o que ainda não sabe.

Lucas ficou em silêncio. Então, nós perguntamos:

- Você gostaria de aprender a fazer uma produção de texto?
- Eu acho que sim. Mas, eu acho que eu gostaria de aprender como se faz uma num outro dia.

Aqui mais uma vez Lucas aborda a questão de ter que ir à Apae, mostrando que não gosta de ter que ir lá.

A intervenção contínua. O trabalho com a escrita parte de jogos e brincadeiras em que se propõe a escrita de palavras, depois de frases, e em seguida de pequenos parágrafos e pequenos textos.

Ao percebermos que Lucas construía várias frases, sem, contudo, conseguir convertê-las em um texto, com princípio, meio e fim, utilizamos outras estratégias para incentivar a produção de textos

do menino.

Uma dessas estratégias foi o jogo *story cubes*. O jogo contém nove dados, cada qual com uma gravura em cada face. A criança lança os dados e cria uma história, ligando todas as imagens das nove faces que estiverem viradas para cima. Começa pela imagem que mais lhe chamou a atenção. A ideia é que a criança utilize três dados para introduzir uma história, três para desenvolvê-la e os três últimos para construir o desfecho da trama.

Lucas se mostrou completamente interessado por todos os desenhos dos dados: observou cada uma das faces de cada dado, nos falou das figuras de uma forma que nos pareceu curiosa e entusiasmada... Ele explorou as imagens.

Depois de deixá-lo manusear por um tempo, começamos a explicar como o jogo funciona a partir da leitura do manual de instruções que o acompanha. Ele pareceu não entender ou mesmo não se interessar pela leitura que estávamos fazendo, e continuou mantendo sua atenção nos dados, sem tentar jogá-los, continuou falando das imagens. Lucas passou quase todo o tempo do encontro observando os dados, falando qual era a gravura e nos mostrando. Quando já estávamos quase encerrando e começávamos a guardar os nossos materiais, ele, ao invés de jogar os dados, escolheu o primeiro, olhou todas as gravuras e colocou a que ele queria virada para cima. Depois, fez o mesmo com o segundo dado e, na sequência, repetiu com um terceiro dado o que fizera com os dois primeiros.

Ele apontou o primeiro e disse: é um arco e flecha. Apontou para o segundo – é um porco – e para o terceiro dado – é um homenzinho. Continuamos em silêncio, observando o que Lucas ia fazer. Ele concluiu: – O homenzinho usou o arco e flecha e caçou um porco. Feito isso, Lucas voltou a observar os dados, mostrando-se completamente fascinado pelo jogo.

Na verdade, percebemos que Lucas inventou uma outra maneira de brincar, uma maneira que não lança os dados, mas que escolhe a figura. E que não utiliza todos os dados, mas apenas alguns. E ao invés de uma história, ele elaborou uma frase.

Nessa perspectiva, pensando que ao final do manual do jogo (que foi lido para Lucas) a sugestão é que cada um invente outras maneiras de jogar, entendemos que foi isso o que ele fez. Então, é importante que o professor não esteja tão preso às regras ou técnicas do conteúdo com que está trabalhando de maneira engessada, e que consiga perceber as estratégias que o aluno usa, assim como a forma como o aluno está entendendo o que está sendo proposto.

Claro que o fato de acolhermos e aceitarmos a forma como Lucas realizou a atividade proposta não significa que o estudante estará sempre livre para escolher o que bem quiser e que o plano de aula seja totalmente flexível. É importante ressaltar que, em vários momentos da rotina escolar, existem algumas regras que os alunos devem seguir durante as aulas e que a alteração delas pode comprometer os resultados pretendidos. Mas, o que enfatizamos aqui é que nem um planejamento deve ser tão engessado a ponto de silenciar a criatividade e a autonomia dos alunos.

Na verdade, ainda não estávamos satisfeitas com o resultado. Esperávamos que Lucas fizesse um texto, e até agora tudo o que ele tinha conseguido construir eram frases.

Nesse mesmo dia, no encerramento do encontro, Lucas procurou expressar seu incômodo e novamente retomou a questão de ter que ir à Apae:

- Eu não gosto de ir à Apae.
- Por quê?
- Lá tem coisas muito chatas.
- Que coisas seriam essas?

Ele ficou em silêncio por um momento e, em seguida, disse:

- Eu gosto de vir aqui.
- Ele apontou para o jogo e concluiu:
- Aqui tem coisas interessantes.

Como o incômodo em frequentar a Apae estava aparecendo de forma recorrente, achamos que seria necessário abordar o tema em uma ECOP.

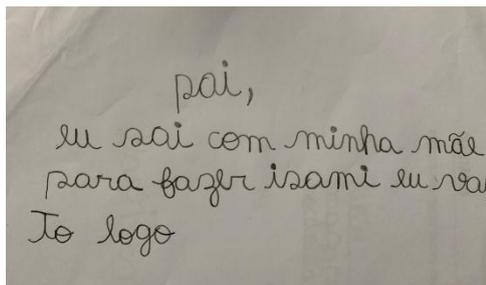
Com o estabelecimento do laço transferencial com a pesquisadora, Lucas se tornou mais acessível, abordando o ponto que lhe incomodava e mostrando sua desconfiança em relação ao que lhe tinha sido ofertado. É preciso destacar que, após a intervenção clínica, Lucas se mostrou mais interessado em aprender o que ele dizia não saber fazer.

Assim, dentre as primeiras produções escritas que Lucas realizou de forma mais satisfatória, localizamos o gênero convite. Após produzir um convite para a sua festa de aniversário e ser parabenizado pelo seu texto, ele nos pergunta:

- Vocês vão mostrar para o meu pai?
- Você quer que a gente mostre para o seu pai?

Ele balança a cabeça de forma afirmativa. Ao final do encontro, mostramos o convite ao pai de Lucas e enfatizamos que foi o menino quem nos pediu para mostrar essa produção a ele. O pai de Lucas dá um largo sorriso e elogia a produção do filho.

No decorrer das intervenções, trabalhamos o gênero bilhete. Discutimos com Lucas o que é um bilhete, em que situações ele costuma ser utilizado, quais elementos devem ter nesse texto. Ao propor que ele escrevesse um bilhete, ele apresentou a seguinte produção:



O bilhete de Lucas nos revela que ele teve uma boa percepção de tal gênero textual. Sendo que seu bilhete se inicia com um vocativo, dirigindo-se ao pai, estrutura bem seu texto, avisando que saiu com a mãe para fazer exame, e conclui anunciando que volta logo. É importante destacar que, embora ele tenha assinado e datado o bilhete, essa parte foi extraída da imagem para evitar que a identidade do aluno seja revelada, uma vez que estamos trabalhando com nomes fictícios.

A única pontuação que Lucas utiliza é a vírgula após o vocativo. No entanto, é compreensível que nesta etapa da aprendizagem ele ainda não tenha se apropriado do uso dos sinais de pontuação. Ele também não demonstra domínio das regras que regem o uso da letra maiúscula, por isso percebemos que em nenhum momento do texto ela foi utilizada, apenas ao escrever seu nome.

Em relação à escrita de Lucas, é possível perceber que ele realiza a hipercorreção, escrevendo a palavra (exame) como se pronuncia, substituindo, assim, a forma correta por uma forma incorreta (isami). Para tornar seu erro observável propomos atividades que permitam a comparação da pronúncia de determinadas palavras com sua escrita através de revistas, livros, jornais e do próprio dicionário.

Na grafia dessa mesma palavra, verificamos a troca da letra X pela letra S. Esse tipo de erro pode ser explicado pelas “relações irregulares (fonema – grafema – consoante) quando um mesmo fonema pode ser representado por vários grafemas, não havendo regra para estabelecer a representação ortográfica correta.” (Soares, 2020, p. 160).

Então, como não há regras no caso das relações irregulares, as crianças precisam memorizar tais palavras. Nessa perspectiva,

[...] a memorização depende de a criança ser exposta rapidamente a palavras de ortografia irregular de uso frequente. Isso pode ocorrer de diferentes formas: em textos lidos em que se chame a atenção para essas palavras e sua ortografia; nos textos produzidos pelas próprias crianças em que se analise o erro e se apresente a forma correta; na inclusão de palavras em um quadro de palavras exposto em sala de aula para que as crianças vejam durante algum tempo e assim se reforce a memorização, com substituição periódica das palavras por outras com relações irregulares que surjam nos textos lidos ou produzidos; e na consulta ao dicionário quando houver dúvida sobre a escrita correta da palavra. O objetivo é que as crianças construam um “dicionário mental”, arquivando na memória a imagem visual das palavras comuns e frequentes de ortografia irregular (Soares, 2020, p. 164).

Dessa maneira, perguntamos se Lucas gostaria que a pesquisadora escrevesse o bilhete para que ele pudesse conferir sua escrita com a escrita correta. Depois, foi sugerido que ele procurasse no dicionário a palavra **exame** e **volto**. Lucas não sabia usar o dicionário. Então, foi necessário ensiná-lo a utilizar esse importante recurso, mostrando sua organização em ordem alfabética e auxiliando na busca de tais palavras.

A outra palavra escrita incorretamente foi "volto". Além de ele ter trocado o O pelo A, que ele justificou dizendo que esqueceu de fazer a voltinha do O (erro por distração), ele utilizou o U ao invés do L. Erro que, aliás, já tinha sido cometido em outras atividades e que também é muito comum em crianças que ainda não atingiram o nível ortográfico, pois o L também tem som de U, assim "o que resulta dessa inconsistência no uso do L ou do U no final de palavra ou de sílaba é que as crianças erram." (Soares, 2020, p. 158).

As intervenções com Lucas priorizaram o incentivo à escrita e a leitura, bem como um trabalho sobre a pontuação e sobre os aspectos convencionais da escrita.

Lucas respondeu bem a essas intervenções e nas atividades subsequentes escreveu corretamente essas palavras.

## **Discussão**

O caso de Lucas nos faz refletir sobre como os problemas escolares que afetam alunos, professores, comunidade escolar, secretarias de educação, têm sido analisados e tratados. Não é raro observar a tendência em buscar o fenômeno da medicalização como discutimos no início do artigo. Diante de casos que desafiam o saber do professor, que se mostram refratários às estratégias educativas adotadas pela escola, faz-se uma hipótese diagnóstica, e na sequência encaminha-se o aluno para uma avaliação médica.

O caso nos mostra como a dificuldade em lidar com as manifestações da sexualidade infantil no ambiente escolar aliada às expectativas de uma mãe, em função de um incidente vivido antes e durante a gravidez pode gerar uma demanda por um diagnóstico. E esse diagnóstico correto ou não vai marcar toda a trajetória escolar e a vida da própria criança.

Também nos mostra que as questões pedagógicas apresentadas por Lucas não se constituem em um entrave, mas apenas em habilidades e competências que precisam ser mais estimuladas e melhor desenvolvidas. E ele respondeu muito bem às intervenções. Assim, os encontros promovidos pela pesquisa possibilitaram que ele saísse desse lugar de "eu acho que não sei" para começar a buscar o conhecimento. Promover a quebra de identificações também permitiu que a criança se livrasse de rótulos que causam mal-estar e geram comportamentos que provocam segregação e exclusão. Assim, pontuar para Lucas que ele não é um menino de Apae permitiu que ele confirmasse que não é uma criança que apresenta dificuldades acadêmicas.

Outro ponto que inclusive aparece de forma marcante nos encontros promovidos pela pesquisa é a fixação de Lucas nessa relação com o pai. O bilhete que ele escreve é para esse pai. E através do

bilhete ele expressa seu desejo de ficar o tempo inteiro com ele, dizendo "volto logo". Lucas estava totalmente tomado por esse amor ao pai, não querendo separar-se dele nem na hora de dormir.

Os encontros para a realização do DCP e a nossa presença permitiram que se processasse uma separação entre Lucas e seu pai. E ao final da pesquisa, Lucas enfatiza que não é mais criancinha, que já não dorme mais com seu pai.

#### Nota

1. Este artigo encontra-se vinculado à tese de doutorado em Educação/UFMG de Luciana Renata Moreira Fonseca, orientada pela Profa. Dra. Ana Lydia Bezerra Santiago, e contou com financiamento de bolsa de doutorado da Capes.

#### Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. (5a Ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Campos, S. (2013). Existe uma nova forma de atenção? In A. L. Santiago & M. Mezêncio. *A psicanálise do hiperativo e do desatento... com Lacan* (pp. 67-78). Belo Horizonte: Scriptum.
- Griffo, C. (1996). *Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: perspectivas do aprendiz*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Meireles, C. (2013). *O menino azul*. (3a Ed.). São Paulo: Global Editora.
- Santiago, A. L. (2005). *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Santiago, A. L. (2011). Entre a saúde mental e a educação: abordagem clínica e pedagógica de sintomas na escola nomeados por dificuldades de aprendizagem e distúrbios de comportamento. In A. L. Santiago & R. H. de F. Campos (Orgs.). *Educação de crianças e jovens na contemporaneidade: pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.
- Scarin, A. C. C. F., & Souza, M. P. R. de S. (2020). Medicalização e patologização da educação: desafios à psicologia escolar e educacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24, 1-8. Recuperado de [https:// www.scielo.br/j/pee/a/NK7KFMcM8Wb9fYrhQgpwj5c/](https://www.scielo.br/j/pee/a/NK7KFMcM8Wb9fYrhQgpwj5c/) doi: [10.1590/2175-35392020214158](https://doi.org/10.1590/2175-35392020214158)
- Soares, M. (2020). *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto.
- Tizio, H. (2003). Reinventar el vinculo educativo. In H. Tizio (Org.). *Reinventar el vinculo educativo*:

*aportaciones de la pedagogia social e del psicoanalisis* (pp. 15-18). Barcelona: Gedisa.

**Citação/Citation:** Fonseca, L. R. M., & Santiago, A. L. B. (mai. 2022 a out. 2022). Crianças diagnosticadas em função de impasses na alfabetização: contribuições da psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(34), 104-120. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2022v14n34p104-120

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 30/07/2022 / 07/30/2022.

**Aceito/ Accepted:** 25/09/2022 / 09/25/2022.

**Copyright:** © 2022. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.